

TEMPOS PASSADOS COM AMY

Lisa Latham Green

Conheço Amy desde o jardim de infância. Ela é minha melhor amiga desde o segundo grau. Amy ensinou-me a dividir números deixando à mostra as fases do cálculo. Fomos crismadas no "mesmo dia e madrinhas de casamento uma da outra. Recebemos diplomas e compramos nossas primeiras casas simultaneamente – casas adquiridas em Los Angeles com o mesmo financiamento gigantesco.

Compartilhamos nossas esperanças e nossos sonhos por meio de cartas. Quando tomei conhecimento da gravidez de Amy ao receber seu cartão de Natal, telefonei imediatamente para ela e contei que também estava grávida. Nós duas estávamos com receio de dar a notícia por telefone – uma com receio de magoar a outra por ter tido a bênção de engravidar primeiro.

Eu deveria dar à Luz 25 dias antes de Amy, por meio de parto natural, pelo método Bradley. Amy optou pelo método Lamaze. Quando ela me ligou na véspera de eu dar à luz, contei-lhe que já estava em trabalho de parto e que foi muita gentileza dela telefonar para saber notícias minhas. Ela me disse carinhosamente que estava telefonando para comunicar o nascimento de sua filha, Rebecca Anne, no dia anterior.

Emily Catherine nasceu no dia seguinte. Nossas primogênitãs nasceram com dois dias de diferença. O batizado de Emily, uma cerimônia íntima incluindo a presença de Amy e de sua pequenina família, foi marcado para um mês depois. Foi um reencontro após dois meses de separação. Amy emagrecera depois do parto. Eu não. Pelo fato de ter ainda alguns meses de licença-maternidade, Amy sugeriu que passássemos aquele período juntas. Aceitei e liguei para ela no dia seguinte. Foi, então, que começaram meus "tempos passados com Amy".

Esses tempos foram muito especiais. Só eram cancelados por motivo de enfermidade. Alternávamos nossas visitas semanais, percorrendo cerca de 50 quilômetros de carro no trânsito de Los Angeles – uma hora e meia só de ida, mas valia a pena. Na época dos "tempos passados com Amy" a louça e as roupas sujas aguardavam até que eu retornasse. Eu partia com o coração feliz, uma sacola cheia de fraldas e um sorriso no rosto. Voltava para casa exausta da viagem (quando faltava cerca de meia hora para chegarmos, e eu ficávamos presas no trânsito, e ela chorava o restante do percurso), mas eu me sentia renovada, pronta para a tarefa de cuidar de uma criança na semana seguinte.

Amy e eu visitávamos a biblioteca juntas, dávamos passeios de "buggy" pela vizinhança, tirávamos fotografias e filmávamos com câmeras de vídeo e íamos ao shopping. Desenhávamos macacões com motivos natalinos e os costurávamos para as crianças. Passávamos a maior parte do tempo com nossas filhinhas e conversando.

Meu marido foi transferido para Austin, Texas, distante cerca de 2.500 quilômetros da casa de Amy, mas nós não perdemos o contato. Por meio de ligações telefônicas, Amy e eu continuamos a compartilhar o susto causado por uma bronquite, as experiências com forno e fogão e a alegria de ver nossas filhas crescendo. Embora meus "tempos passados com Amy" sejam restritos hoje a simples telefonemas em horas extravagantes, eles ainda são muito importantes para a edificação de minha vida.